

Collor

Sexo, mentiras e cordel

Márcio Souza



Andei pensando uma coisa engraçada, ou trágica, vou eu saber, a respeito do Brasil.

Está bem, não precisa suspirar, leitor(a)! Eu sei que este país está por demais tragicamente engraçado ultimamente. Mas os especialistas afirmam que é crise de crescimento. Muito bem, vamos ao que eu estava pensando: vocês já repararam como os políticos quase que unanimemente estão prometendo finalmente transformar o Brasil num país moderno, quando a questão neste final de século é pós-moderna?

Bem, a verdade é que mais uma vez vivemos o dilema das idéias fora de lugar. Para nós, escritores, isto gera coisas imprevisíveis. O velho Machado de Assis, que por dentro da casaca era tão avançado que conseguiu escarnecer da sociedade escravocrata, parece ter encontrado a melhor resposta ao dilema, dando ares de liberais dementes aos seus ociosos personagens. Assim mesmo, embora seguindo o tortuoso caminho do atraso, nunca conseguimos produzir um Dostoiévski. Talvez porque nossa defasagem é latina, e não eslava, o que é um alívio. Já pensaram como seriam os nossos Karamazov? Seriam, por certo,



Cont. 992

evangélicos, meio analfabetos e bastante espertalhões. É claro que ortodoxia não seria com eles, e se algum dia encontrassem o Raskolnikof, logo formariam uma legenda partidária.

Mas se não temos possibilidades de almas torturadas, porque o máximo de subjetividade dilacerada possível é a paspalhice da Macabéia, meu personagem voluntariamente escolhido não foge a essa regra de ouro. Ele é o jovem Fernando Collor, o líder das pesquisas e controvertido ex-governador do Estado de Alagoas.

Veja bem, temos esse jovem nascido e criado na Zona Sul do Rio e laços nordestinos. Como personagem literário, não creio que um alagoano severo como Graciliano Ramos encontrasse nele algum tipo de inspiração. Para o autor de *Angústia*, é criatura de tênue densidade romanesca, psicologicamente imaturo, ideologicamente conservador e dotado de uma personalidade burguesa muito bem cultivada. Positivamente Graciliano não lhe dedicaria sequer uma crônica dominical.

Mas isto não seria motivo para esmorecer. O cultivado espírito burguês do jovem Fernando não é obra do acaso. Ele é neto do Ministro do Trabalho do Estado Novo de Getúlio Vargas, mas a sua bem desenvolvida consciência de classe e integridade burguesa tem uma explicação. Com toda certeza não foi obra do senador Arnon de Melo, o pai já falecido e perfeito representante da elite nordestina, que nunca se notabilizou pelos pendores civilizatórios dos costumes burgueses. Pois bem, a origem de tais qualidades no ilustre candidato pode ser identificada em sua mãe, esta sim, uma autêntica Collor, senhora gaúcha com todos os atributos da qualificação.

E quando encontramos uma figura como a senhora Collor, temos a certeza de termos encontrado um protagonista de romance. Esta senhora, sim, tanto Machado quando Graciliano adorariam ter em mãos. Porque é uma figura paradigmática, tão forte que precisa ser mantida em silêncio. Mas um Oswald de Andrade também não deixaria passar em brancas nuvens essa extraordinária personagem maternal, porque nada mais modernista que uma dama da sociedade que ao abrir a boca escancara de tal forma a verdade que põe em risco a "verdade" da candidatura de seu filho.

Mas não adianta sonhar. Machado, Graciliano e Oswald de Andrade estão mortos. E, como toda certeza, para melhor reproduzir literariamente a falaciosa modernidade desse representante de um país rústico, que se esconde por trás da sexualidade gelada da mídia eletrônica, só a rima contundente de uns versos de cordel inspirados por Zé Limeira, o poeta do absurdo nordestino.